

O DISCURSO ETNOLITERÁRIO NO PROCESSO DE MITIFICAÇÃO DE PERSONAGENS HISTÓRICAS

THE ETHNOLITERARY DISCOURSE IN THE MYTHIFICATION PROCESS OF HISTORICAL PERSONAGES

LE DISCOURS ETHNOLITTERAIRE DANS LE PROCESSUS DE MYTHIFICATION DES PERSONNAGES HISTORIQUES

Rossana Tavares de Almeida

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

rossana_tava@hotmail.com

Sumário: 1. Introdução. 2. Mito e discurso etnoliterário. 3. Mito e história: mitificação das personagens históricas. 4. Considerações Finais. 5. Referências bibliográficas.

Resumo: Existem diversos estudos sobre o mito, com diferentes correntes de abordagem. Diante disso, este artigo teve como objetivo contribuir com os estudos mitológicos, através da perspectiva etnoliterária desenvolvida por Pais (2005). Partindo da visão etnoliterária, buscou-se compreender o processo de transformação da personagem histórica em personagem mitificada, a qual denominamos de heroicização. Nesse processo, história e mito se confundem quando os fatos históricos são ressignificados ao longo dos anos, por meio dos diversos gêneros discursivos. Através das discussões apresentadas, entendemos que os novos elementos acrescentados ao mito, ao longo do tempo, não são despreziosos, mas sim, intencionais, devido a uma demanda cultural, política e histórica.

Palavras-chave: mito; etnoliteratura; heroicização; história; mitificação.

Abstract: There are several studies on the myth, with different approaches. Therefore, this article aimed to contribute to mythological studies, through the ethnliterary perspective developed by Pais (2005). Starting from the ethnliterary vision, we sought to understand the process of transformation of the historical character into a mythified character, which we call heroization. In this process, history and myth are intertwined, in which historical facts are re-signified over the years, through the various discursive genres. Through the discussions presented, we understand that the new elements added to the myth, over time, are not unpretentious, but intentional, due to a cultural, political and historical demand..

Keywords: myth; ethnliterature; heroization; story; mythification.

Resumé: Il existe plusieurs études sur le mythe, avec des approches différentes. Par conséquent, cet article vise à contribuer aux études mythologiques, à travers la perspective ethnlittéraire développée par Pais (2005). En partant de la vision ethnlittéraire, nous avons cherché à comprendre le processus de transformation du personnage historique en un personnage mythifié, que nous appelons héroïsation. Dans ce processus, l'histoire et le mythe sont entremêlés, les faits historiques étant re-signifiés au fil des ans, à travers les différents genres discursifs. À travers les discussions présentées, nous comprenons que les

nouveaux **éléments** ajoutés au mythe, au fil du temps, ne sont pas sans prétention, mais intentionnels, en raison d'une demande culturelle, politique et historique...

Mots-clés: mythe ; ethnolettérature ; héroïsation ; histoire ; mythification.

1. Introdução

O cérebro humano capta mais informações quando elas são passadas em forma de narrativa, em que as memórias mais fortes são formadas por histórias, lugares e emoções. Dessa forma, entendemos que o mito, como narratologia, é uma maneira de guardar e transmitir a memória coletiva. O mito pode ter várias definições, conforme a corrente de estudo, e todas reconhecem a importância de estudar esse tipo de narrativa, devido aos elementos aos valores sociais que carrega.

De acordo com Pais (2005), os discursos etnoliterários são caracterizados por não ter uma autoria definida, há um sujeito-enunciador coletivo que ressurgue conforme a retomada do texto, durante sua transmissão ao longo do tempo, e recria uma memória social. As marcas de tempo e de espaço são genéricas e abstratas ou, simplesmente, não existem, por isso, são consideradas atemporais, com espaço utópico, ou de um não lugar. Por essa razão, entendemos que o mito insere-se no campo dos estudos etnoliterários, tendo como função atualizar e transmitir os saberes das comunidades socioculturais como forma de preservar o sentimento de pertença à comunidade, revelando sua visão de mundo, portanto, possibilitando compreender, em certa cultura, seu processo histórico.

Assim, através da ótica da etnoliteratura, buscou-se compreender o processo de transformação da personagem histórica para personagem mitificada, a qual denominamos de heroificação, em que História e mito se confundem, e os fatos históricos são ressignificados ao longo dos anos, através dos diversos gêneros discursivos.

2. Mito e discurso etnoliterário

O discurso etnoliterário é um componente tipológico preconizado por Cidmar Teodoro Pais (2005), que considera, no universo dos discursos produzidos, uma divisão entre literários e não literários. Os discursos não literários são inseridos no universo dos discursos sociais, têm enunciador e enunciatário coletivos e estão direcionados a grupos ou segmentos específicos, razão pela qual são objeto de estudo da Sociossemiótica. Neles se incluem o texto científico, o tecnológico, o jurídico, o religioso etc. Os modos de existência e de produção dos discursos não literários sustentam estruturas de poder, mecanismos de argumentação, manipulação, relações intersubjetivas e espaço-temporais de enunciação próprias, específicas dos seus grupos (PAIS, 2005).

Em oposição ao discurso social, tem-se o discurso literário, que apresenta outras características, dentre as quais — resgatando o princípio estético grego — cita-se a *mýmesis*, que expressa a ideia de que “a arte imita a vida.” Além do mais, não há um julgamento sobre a veracidade do texto, por ser considerado ficcional, e sua função estética ser relevante (PAIS, 2005).

Todavia, tanto os discursos não literários quanto os literários não conseguem absorver outros tipos de discursos como a Literatura oral (PAIS; BARBOSA, 2004). Por isso, os autores, considerando os aspectos das tipologias discursivas, sugeriram a tipologia do discurso etnoliterário:

Os discursos etnoliterários, de modo geral, e, particularmente, a literatura oral, a assim chamada literatura popular, os contos populares regionais não se submetem exatamente aos critérios que permitem tipificar os discursos literários, da literatura formal, escrita, ou os discursos sociais não-literários (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 82- 83).

Conforme os autores acima citados, os discursos etnoliterários não possuem autoria conhecida, ou, se lhes for atribuída alguma autoria, ela não pode ser verificada. Além disso, as marcas de tempo e de espaço são genéricas e abstratas ou, simplesmente, não existem. Por essa razão, são considerados atemporais, com espaço utópico, um não lugar. Também apresentam um sujeito-enunciador coletivo, que ressurgue conforme a retomada do texto durante sua transmissão, ao longo do tempo, recriando uma memória social. Dessa maneira, os textos etnoliterários são preservados na memória, repetidos e alterados no seio da cultura popular e percebidos pelos sujeitos-enunciários-ouvintes ora como fábulas, ora como obras veridictórias, carregadas de verdades universais (PAIS; BARBOSA, 2004). Apesar de ter uma forte tradição oral, a etnoliteratura apresenta-se também na modalidade escrita, a chamada literatura de cordel., conforme afirma BATISTA (2021). Ela constitui sua tradição popular, a principal fonte de criação, preservação, transformação e transmissão da memória coletiva (PAIS; BARBOSA, 2004).

Segundo Andrade (2005), os discursos etnoliterários têm a função de atualizar e transmitir os saberes das comunidades socioculturais, como forma de preservar o sentimento de pertencer à comunidade. Seguindo esse entendimento, Pais e Barbosa (2004) defendem que a literatura popular é carregada de sistema de valores e crenças que fazem parte do imaginário coletivo de certa comunidade, revelando sua visão de mundo. Por essa razão, pode ser considerada como documentos significativos, por possibilitar entender a cultura e o processo histórico da comunidade em que os textos etnoliterários estão presentes, como defendem Pais e Barbosa (2004, p. 84, grifo dos autores):

Nessas condições, parece legítimo afirmar que os discursos etnoliterários incorporam, sustentam, caracterizam uma *identidade cultural*. Representam um *saber compartilhado sobre o mundo*, traduzido em amplas sucessões de *metáforas*. Constituem, pois, os discursos etnoliterários um patrimônio cultural, por sua riqueza, complexidade e diversidade.

Para Pais (2005), os discursos etnoliterários têm uma função mítica, portanto, apresentam funções culturais, sociais e didáticas, porque desempenham um papel de socialização entre os integrantes da comunidade. Do ponto de vista externo, contribuem para estudos antropológicos e para reflexões psicanalíticas. No sentido interno, têm um caráter pedagógico, já que oferecem

ao sujeito-enunciatário individual e/ou coletivo subsídios para compreender “a natureza humana, a alma, os impulsos, a afetividade e a psyché humana” (PAIS, 2005, p. 2). Nesse ínterim, o autor refere que a função mítica dos discursos etnoliterários é de revelar e sustentar os sistemas de valores e crenças, com o intuito de compartilhar o imaginário coletivo cultural, os quais trazem regras de ordenamento social através de metáforas. Neste tópico, não pretendemos propor uma nova teorização sobre o mito, mas sugerir seu estudo, considerando-o como um discurso etnoliterário, a fim de contribuir para as pesquisas desse tipo de narrativa, pois, como afirma Eliade (2016, p. 11), “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Destarte, diante de uma manifestação cultural tão complexa, é compreensível que haja tantas abordagens teóricas, porquanto todas contribuem, a partir de suas perspectivas, para que possamos entender o universo mítico.

Já para Greimas e Courtés (2012), a etnoliteratura não só tem uma função mítica, como também considera o próprio mito como pertencente ao universo do discurso etnoliterário:

Qualifica-se de mítica uma classe de discursos do domínio da etnoliteratura ou um nível discursivo subjacente e anagógico, reconhecível quando da leitura de seu nível prático (que se apresenta, por sua vez, como uma narrativa de ações com os autores nela implicados) (GREIMAS; COURTÉS, 2012, p. 312).

Partindo do pressuposto de que o mito faz parte do discurso etnoliterário, Batista (2016)¹ afirma que o mito é a heroicização do ator de uma lenda que participa de diversas narrativas, como a Comadre Fulozinha, que é uma personagem mitológica, por ser um sujeito ideologicamente marcado e pode ser verificada em várias narrativas, em que apresenta valores diferentes, mas com um valor semântico fundamental que a caracteriza — entidade sobrenatural que defende a natureza.

Nesse sentido, partindo de uma visão etnoliterária, podemos afirmar que o mito trata da heroicização de um mesmo sujeito ideológico, presente em diversos gêneros discursivos, visto que é um conceito cristalizado na memória do povo. O sujeito ideológico de salvador pode ser encontrado em romances, filmes, poemas e em textos sagrados, heroicizados por um personagem literário e histórico.

Assim, heroicização ocorre quando uma personagem histórica sofre um processo de mitificação, em que vários elementos são adicionados, a ponto de, no imaginário coletivo, haver uma difícil distinção entre a biografia e as adaptações acerca da vida dessa personagem histórica, que passa a ser personagem literária e mítica, presente em diversos gêneros discursivos.

1. BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. Nota de aula da disciplina Introdução ao Pensamento Semiótico, ministrada em 2016, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB João Pessoa, 2017.

3. Mito e história: mitificação das personagens históricas

A relação entre mito e história é muito tênue. Isso fica evidente quando tratamos sobre personagem histórica e personagem mitificada. Essa questão está presente no Cristianismo, que possibilita uma dupla interpretação: que Jesus é um personagem histórico, revestido de mitologia, ou trata de um mito que foi “historicizado” imperfeitamente pelas primeiras gerações cristãs (ELIADE, 1992). Na relação entre mito e história, tem-se um personagem real (histórico) que, ao longo dos anos, foi transformado em herói. A essa heroicização do personagem histórico são atribuídas virtudes, um modelo a ser seguido, bem como feitos e conquistas gloriosas, que não condizem com os fatos históricos. E quando abordam fatos históricos, que podem ser comprovados, muitas vezes, são anacrônicos, porque aconteceram antes do nascimento ou depois da morte do personagem histórico, ou seja, atribuem feitos heroicos que não podem ser realizados por esse personagem. São esses elementos, acrescentados ao longo dos anos, que transformam o personagem histórico em mito — o que se configura como mitificação — em que a biografia é mítica.

A transformação da personagem histórica em mito pode parecer desprezível, apenas acréscimos de elementos fantásticos, mas não o é. Nesse contexto, veremos que a relação entre mito e história revela muito mais do que a vida de um herói. Nessa concepção, primeiramente, apresentaremos um exemplo claro da mitificação de um personagem histórico. Depois, com base em Aurell (2015), mostraremos como as mudanças sociais influenciam as transformações literárias, contudo, mantêm o mito.

Sobre o processo de mitificação de um personagem histórico para um personagem mítico/literário, citamos Rodrigo Díaz, um fidalgo castelhano, que nasceu em Vivar, entre 1040 e 1050, e morreu em 1099, em Valencia, considerado um herói espanhol, com a existência verificada por documentos históricos. Como figura mítica, é conhecido como El Cid Campeador (MARTÍN, 1985). Para entender o motivo que levou à criação do mito El Cid, precisamos conhecer seu contexto histórico. Conforme Daniel Batista (2017), nos Séculos X e XI, a Península Ibérica ainda não era como conhecemos hoje — Espanha e Portugal — mas uma região descentralizada em diversos reinos: ao sul, havia reinos islâmicos; ao norte, reinos cristãos, como o de Castela, na área fronteiriça, na zona central, entre os rios Tejo e Douro Não havia uma autoridade constituída, por isso, além de ser uma área de grande intercâmbio, era de grandes conflitos. Nesse contexto, o Reino de Castela cresceu de tal forma que os reinos islâmicos passaram a pagar-lhe tributos. Era, justamente, atributo de El Cid² recolher os tributos e guerrear em nome de Castela. Ele tinha muito prestígio com o Rei vigente – Sancho. Com a morte do Rei, quem assumiu o trono foi Afonso VI, que rompeu com El Cid e o exilou em 1081. Com o exílio, El Cid tanto lutou em favor do reino cristão como do islâmico. Depois, passou a lutar, de forma independente, em causa própria, sem obedecer a nenhum superior: “Era, em suma, um homem em busca de seu próprio

2. Nome de Rodrigo Diaz de Vivar, o Campeador (no sentido de campeão, vencedor), mais conhecido como El Cid, termo que deriva do árabe e significa “o Senhor”.

interesse, com fortes indícios de amoralidade — um mercenário, pode-se dizer” (BATISTA, D., 2017, p. 351). Então, por que Rodrigo Díaz se tornou um mito?

Logo depois da morte de Cid, em 1099, o material historiográfico começou a perder força, porquanto os textos que foram surgindo passaram a adicionar elementos não condizentes com os fatos históricos. Esse evento contribuiu para que Jimenã, a esposa de El Cid, construísse seu mito:

Ao contrário da tradição lendária, que aprecia vê-lo morrendo heroicamente em combate, Rodrigo Díaz faleceu numa cama de seu castelo, em 10 de julho de 1099. É nesse ponto da história que Rodrigo vira uma lenda. Os mouros ficaram confiantes, pois haviam finalmente matado o El Cid e decidiram avançar para Valência. Contudo, Doña Jimena mandou amarrar o corpo do seu falecido marido ao cavalo e sua espada a sua mão e fez o mesmo percorrer o campo de batalha. Ao ver o Campeador em cima do seu cavalo, os mouros fugiram sendo perseguidos e derrotados pelo exército de Rodrigo. Por isso, reza a lenda que “Don Rodrigo de Castela venceu uma batalha depois de morto”. Seus restos mortais, juntamente com os de sua esposa, Jimena, estão sepultados na Catedral de Burgos. Todos esses “feitos heroicos” favoreceram a fusão entre realidade e mito, o que pode ser constatado pelos vários El Cid que podem ser encontrados numa larga tradição literária (COUTO, 2017, p.10).

Em quase todas as manifestações da arte é possível encontrar o mito de El Cid: poemas, cantares de gestas, romance, crônicas, cordéis, pinturas, romanceiros, estátuas, teatro, filmes, histórias em quadrinhos etc. (MARTÍN, 1985), portanto, é um mito já consolidado. Com o passar dos anos, ganhou muitos elementos que dificultam distinguir as novas narrativas míticas das adaptações (BATISTA, D., 2017). Além disso, a presença do herói El Cid em vários gêneros discursivos colabora para a perspectiva literária de mito que defendemos neste trabalho.

Essas novas representações do personagem mitificado são criadas de acordo com a necessidade do contexto de sua época. Sobre isso, citando a obra *La España del Cid* (1929), escrita por Ramón Menéndez Pidal, Coelho (2010, p. 86) explica seu contexto:

A última década do Século XIX foi de anos de humilhação para a Espanha, a decadência econômica e a perda de territórios em derrotas vergonhosas para os Estados Unidos faziam com que os historiadores olhassem para trás para tentar entender ‘onde erraram’. Foi nesse contexto de humilhação e saudosismo que Pidal produziu seu texto. Observamos com grande clareza em seu livro a tentativa de construção de uma identidade espanhola fundada em valores castelhanos. É uma tentativa do pesquisador de levantar a moral do seu país através de heróis do passado. No próprio prefácio da primeira edição de *España del Cid*, assim como na conclusão, Pidal admite que sua obra tinha também um caráter didático.

Isso explica, em parte, o motivo pelo qual Rodrigo Díaz foi mitificado, porque, em outras obras, a motivação é diferente. Fletcher (2002) explica que o texto *Poema de Mío Cid*, escrito

no Século XII, sem autoria definida, fala de um herói que, ao ser exilado, sente a perda da terra natal. Todavia, tal sentimento é anacrônico, uma vez que essa relação patriótica não condiz com o cavaleiro medieval (COELHO, 2010). Em cada nova obra que retrata o herói, a motivação será diferente, conforme o objetivo do contexto da época. Nessa ótica, a mitificação serve como um modelo a ser seguido, que atribui um caráter didático de ensinar o dever-ser.

Essa criação de um herói nacional é uma estratégia bastante utilizada por algumas nações como forma de dar esperança ao povo. Isso ocorreu com o Romantismo no Brasil, no Século XIX, quando se buscava uma autonomia política e literária pautada no nacionalismo. Para isso, idealizou-se a figura de um herói que seria o índio (BOSI, 1980). Diferente de El Cid, não houve uma heroização de uma pessoa específica, mas parte de uma representação do real — o índio, o que, mesmo não sendo situações iguais, consideramos análogas.

Eliade (2016, p. 160) traz um exemplo de mitificação que talvez seja mais fácil de assimilar, já que é mais recorrente na contemporaneidade:

A mitificação das personalidades por meio dos mass media, sua transformação em imagem exemplar, foi igualmente analisada. “Lloyd Warner, na primeira parte de seu livro, *The Living and the Dead*, conta-nos a criação de um personagem desse gênero. Biggy Muldoon, um político da Yankee City, que se transformou numa figura nacional em virtude de sua oposição pitoresca à aristocracia de Hill Street, teve uma imagem pública demagógica construída pela imprensa e pelo rádio. Ele era apresentado como um cruzado do povo, atacando a riqueza usurpadora. Mais tarde, quando o público se cansou dessa imagem, Biggy foi condescendentemente transformado pelos *mass media* num vilão, um político corrupto que explorava em seu próprio benefício a miséria pública.

Veja que a mitificação está relacionada com criar atributos exemplares em uma persona. Mas, no caso acima, também há uma mitificação negativa, em que se cria um anti-herói. Dessa forma, a transformação de um personagem histórico em mito, tal qual aqui apresentada, remete ao conceito defendido por Barthes, já que ressignifica a realidade e serve a um intuito ideológico.

A mitificação é um processo mais comum do que se imagina, pois, conforme Aurell (2015), as genealogias usam o poder mitificador no passado, principalmente as monarquias, como estratégia para manter suas formas de governar e, ao mesmo tempo, torná-las incontestáveis, vinculando suas origens a fatos míticos:

Tal fato explica a potencialidade e a eficácia das genealogias históricas. Esse novo gênero histórico se divulgou na Europa durante a segunda metade do Século XII como um instrumento privilegiado para consolidar o poder monárquico, fundamentado na transmissão dinástica e hereditária. A criação de uma tradição histórica requer a demonstração de uma continuidade social e política. Assim acontece, por exemplo, na introdução das *Grandes Chroniques* francesas, onde se justifica a construção dessa grande obra histórica por causa das dúvidas suscitadas sobre a veracidade da genealogia dos reis da França, de suas origens

e da procedência da sua linhagem (Spiegel, 1997: 96). Os condes de Barcelona também se encarregaram de sua genealogia, no momento em que se tornaram reis de Aragão, para codificar seu vínculo genealógico com as origens da dinastia. Dessa forma, vincularam-se ao fundador da dinastia, Guifredo o Peludo, mitificando sua figura, magnificando sua influência política e social e legitimando sua vinculação com os reis franceses, em contraposição a visigodos e islâmicos (Aurell, 1995). A enorme eficácia desses textos fica refletida nas *Gesta Comitum Barcinonensium*, a constução genealógica dos reis aragoneses medievais, que se utilizou como referente histórico fundamental (um verdadeiro cânon) para o estudo do medievo na Catalunha até inícios do Século XIX [...]. (AURELL, 2015, p. 198).

Contudo, a partir do Século XIII, as genealogias perderam o vigor devido às políticas expansivas que estavam sendo desenvolvidas na época, que contribuíram para o surgimento das crônicas de viagens que narram as campanhas militares expansionistas de forma heroica (AURELL, 2015). Assim, não há preocupação em explicar a genealogia, a origem lendária da família, e o foco deixa de ser o passado e passa a ser o presente da nação conquistadora. Para Aurell (2015, p.199), “[...] as transformações literárias nos textos históricos estão estreitamente vinculadas às mudanças sociais e políticas [...]”

Com base no que foi apresentado, podemos perceber que toda mitificação (transformação do personagem histórico em personagem mítica) apresenta um objetivo manipulatório. Nesse sentido, afasta-se do conceito de mito das sociedades primitivas, pois aqui a função do mito não é de explicar a cosmogonia, nem diz respeito ao sagrado, como propôs Eliade. Os fatos históricos são ressignificados através dos gêneros literários, razão por que é difícil fazer a distinção entre história e mito.

Seja para um fim manipulatório, pedagógico ou para transformar uma personalidade histórica, o mito, como narratologia, é propício à perpetuação dos valores que desejam passar, visto que nosso cérebro presta mais atenção à informação quando está em forma de narrativa, as bases de nossas memórias mais fortes são histórias, lugares e emoções³, e tudo isso está presente no mito.

Segundo Campbell (2008), os mitos da sociedade, em determinada época, constituem modelos sociais, conforme o tempo e os modos de manifestação do mito mudam. Essa visão é totalmente alinhada com o exemplo já mencionado de El Cid, cujas motivações heroicas mudam de acordo com a necessidade da época. Para o autor, os mitos não são histórias inspiradas em pessoas que tiveram uma vida notável. Por isso, mesmo que haja um herói popular inspirado em uma pessoa real em determinada época, não se pode confundir com sua biografia, porque a construção desse herói popular representa o traço transformador do mito e sua atualização. É justamente isso que compõe a mitificação de um personagem histórico. Inicialmente, tem-se um indivíduo real, de carne e osso que, em sua época, exerceu um papel importante no contexto

3. EXPLICANDO A MENTE (documentário). Episódio – Memória. Netflix. 2019. 20 mim.

social em que estava inserido. Por causa disso, sua história é recontada e atualizada ao longo dos anos, configurando a passagem de história para estória, ou seja, a transformação do personagem histórico para o personagem literário. Tanto o texto histórico quanto o literário são importantes para compreender esse processo de mitificação. Sobre esse debate, o historiador Aurell (2015) defende que o texto histórico e o texto literário não podem ser analisados separadamente, porque se complementam:

O conteúdo histórico e a forma literária são duas caras de uma mesma moeda no texto histórico medieval, e não podem ser analisados de forma separada. [...] A forma e o conteúdo identificam-se no contexto histórico, porque não é possível separar o texto histórico do texto literário. (AURELL, 2015, p. 194).

A relação entre História e Literatura é importante para compreender como o processo de mitificação é construído, tanto na própria época em que a personagem viveu quanto depois de sua morte, e quais as ideologias sociais e políticas que influenciaram e conduziram a mitificação.

Assim, Aurell (2015) propõe novas metodologias para interpretar os textos históricos, por entender que trazem construções literárias, sociais e políticas que devem ser estudadas. Portanto, o texto histórico deve ser estudado em três aspectos: primeiramente, deve haver uma complementação ao trabalho de edição e de estabelecimento dos textos; no segundo aspecto, os textos literários são contextualizados; no terceiro aspecto, a interpretação deve ser fundamentada na multidisciplinaridade, considerando outras disciplinas como a Antropologia, a Linguística e a Sociologia. Nesse sentido, o texto histórico será encarado como literário, narração histórica e um intermediário entre o presente e o passado a que faz referência.

A intenção não é de distinguir o que é falso ou verdadeiro, mas de conseguir captar a intenção do texto e sua ideologia e compreender o motivo pelo qual certo elemento está naquele texto de determinada época e cultura:

[...] a partir do conhecimento do contexto no qual os textos foram elaborados, o historiador é capaz de adentrar-se na intencionalidade, na ideologia, na manipulação, nas motivações e nos objetivos dos textos históricos. As formas literárias adotadas pelos textos históricos (anais, calendários, cronologias, genealogias, crônicas) são um reflexo de todos os condicionamentos do contexto no qual foram elaborados. O texto histórico não é um objeto isolado, inerente a si mesmo, mas sim relacional. Seu significado pleno emerge somente no momento em que se conhece bem o ambiente e o contexto no qual ele foi elaborado (AURELL, 2015, p. 196).

A história pode ser compreendida como uma adaptação literária, porque o historiador não é capaz de reconstruir o passado, tão somente o representa, já que o acesso ao passado não tem como ser direto, pois é feito por meio da mediação dos textos e dos ícones. Quando conhece o contexto em que os textos foram articulados, o historiador é capaz de adentrar a intencionalidade,

a ideologia, a manipulação, os motivos e os objetivos dos textos históricos. As formas literárias adotadas pelos textos históricos são reflexos dos fatores condicionantes do contexto a partir do qual foi gerado. O historiador cria uma metáfora, indica uma direção, constrói uma história baseada na direção de quem conta e representa o mundo de maneira direcionada.

Por essa razão, tanto biografias quanto os textos literários devem ser considerados na análise do processo de mitificação da personagem histórica para entender como o mito foi construído.

4. Considerações finais

A partir da discussão realizada, apresentamos o mito como um discurso etnoliterário, e diante da sua função de atualizar e transmitir saberes socioculturais para preservar o sentimento de pertença à comunidade, há o processo de heroicização da personagem histórica.

Entendemos que a transformação da personagem histórica em personagem mítica (mitificação) possui um objetivo manipulatório. Dessa forma, o mito não se limita apenas a explicar a origem das coisas, mas ressignifica os fatos históricos ao ser invocado através dos diversos gêneros discursivos, ocorrendo uma fusão entre história e mito, sendo quase impossível distingui-los. Independente da sua função (manipulatório, pedagógico), o mito é um instrumento de transmissão e perpetuação dos valores socioculturais, políticos e históricos, de um determinado povo e época.

5. Referências

ANDRADE, Maria Margarida. A unidade lexical no discurso etnoliterário. In: **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, 2005, Maracanã – RJ. Cadernos do CNLF, volume XIV, nº. 04. Anais do XIX CNLF (TOMO 1), p. 408-418. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/408-418.pdf. Acesso: 14 out. 2019.

AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. Roda da Fortuna. **Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalismo**, 2015, Volume 4, Número 2, pp. 184-208. Disponível: https://a615a5e5-c98d-48ce-95fc4c6127dff938.filesusr.com/ugd/3fdd18_19d6a4f46800442099e8a1791bfb473.pdf. Acesso em: 22 jun 2020.

BATISTA, Daniel Augusto do Nascimento. **Babieca pelas eras: adaptação e ideologia na narrativa de El Cid**. RECIAL, v. 12, p. 348-367, 2017.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **Nota de aula da disciplina Introdução ao Pensamento Semiótico**, ministrada em 2016, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB João Pessoa, 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

COELHO, Luiz Felipe Alves Guimarães. **A lenda castelhana: leituras de El Cid**. Revista Caderno de Clío [on-line], v. 1, p. 82-87. 2010. Disponível: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/40279>. Acesso em: 22 jun. 2020.

COUTO, Livia Maria Albuquerque. **Rodrigo Díaz de Vivar: reflexões entre o Cid literário e o histórico em Castela**. Revista Espacialidades [online], v. 11, n. 2, p. 01-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17652>. Acesso em: 22 jun. 2020.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva. 2016. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2020/04/eliade-mircea-mito-erealidade-1.pdf>.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Lisboa: Livros do Brasil. 1992. Disponível em: <https://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>.

FLETCHER, Richard. **Em busca de El Cid**. São Paulo: Unesp, 2002.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTÍN, José Luis. **La Castilha del Cid**. Cuadernos História. Nº 16, 1985.

PAIS, Cidmar Teodoro. Os discursos etnoliterários, a função mítica e os valores da cultura. In: **Reunião Anual da SBPC: publicação eletrônica**. Fortaleza: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2005. Fortaleza - CE: SBPC, 2005. v. 1, p. 1- 4. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/cidmarpais.htm. Acesso: 14 out. 2019.

PAIS, Cidmar Teodoro; BARBOSA, Maria Aparecida. **Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etnoliterários à proposição de uma etnoterminologia**. Matraca (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro - RJ, v. 16, p. 79-100, 2004.